

Por uma Psicologia Antirracista e antissexista

Gostaria de começar minha fala agradecendo ao Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais e de manifestar minha admiração e respeito pela atual gestão desse conselho e as inúmeras iniciativas que a mesma tem tido de avançar na produção de uma psicologia politicamente comprometida com a transformação da sociedade em que vivemos. Destaco que essa transformação se dá a partir de ações de desobediência epistêmica, termo proposto pelo intelectual argentino Walter Mignolo (2008) e que para mim se consolida em encontros como esse. A força dessa proposta se dá desde sua origem por ser essa gestão majoritariamente feminina e feminista e por ser esse seminário uma proposta pensada por profissionais intelectuais negras¹ que estão comprometidas com uma psicologia antirracista, nesse sentido estendo e ratifico meu agradecimento a comissão de Psicologia e Relações étnico-raciais deste conselho pela coragem de desobedecer a nossa história disciplinar de patologização e estigmatização daqueles que não cabiam no paradigma moderno/colonial de humano (LUGONES, 2014) e de ousar escrever novos capítulos onde somos protagonistas.

Não é coincidência que essa gestão tem como lema “Nós, humanas”. A noção de humano é uma abstração que nos ajuda a entender a relutância em admitir o racismo dentro da psicologia e porquê essa é uma demanda urgente para nós como ciência e profissão.

Guiarei minha fala pelo campo a que tenho me dedicado em minha trajetória acadêmica para entender como autorizamos ou negamos o status de humano a alguém. Tenho estudado como as relações de poder que organizam hierarquicamente raça, gênero e sexualidade tem operado pela desumanização das mulheres negras nesse país, desde aquelas que foram sequestradas em África até as que hoje buscam atendimento nos nossos serviços de saúde. Somos humanas?

Penso que a noção de humanidade é fundamental para responder à pergunta: qual contribuição cabe a psicologia no enfrentamento aos racismos. Afinal a psicologia se ocupa essencialmente dos humanos e historicamente mulheres negras e indígenas foram consideradas animais, bestiais, hiperssexualizadas, inumanas, sem alma.

¹ Considerando que a Psicologia é um campo ocupado majoritariamente por mulheres e que nossa linguagem ainda é marcada pela lógica do dimorfismo sexual, utilizarei generalizações no feminino como modo de contemplar a maioria da classe a quem me refiro, compreendendo que os homens devem sentir-se incluídos.

Essa produção discursiva conseguiu naturalizar a exploração dos corpos de mulheres negras em experimentos científicos no século XIX e segue produzindo omissão e morte para essas mulheres. Meu investimento nessa fala será de propor como a Psicologia pode contribuir para a formulação de uma noção de humana/humanidade que contemple a experiência da mulheres negras e defenderei que essa formulação só se dará quando passarmos sobre as instâncias onde nos desumanizaram, isso é, pela descolonização dos nossos corpos, da nossa sexualidade e da nossa capacidade reprodutiva.

A apropriação das mulheres negras como *corpos sem mente* negou e nega até hoje que nós mulheres negras somos seres psiquicamente complexos, negou e nega até hoje, que simbolizamos e subjetivamos a vida a partir do lócus fraturado onde nos encontramos: o lócus de negação de ser o Outro da branquitude e o outro do patriarcado e se formos mulheres lésbicas o outro da heteronorma. Como outras nossas falas são recorrentemente desqualificadas e nossas queixas largamente silenciadas. Como inumanas nossos corpos são tomados por violências de ordem individual, coletiva, institucional e estatal sem que isso produza indignação e revolta.

Quando falamos do genocídio da juventude negra são os agentes do estado os protagonistas das execuções que interrompem vidas nas periferias brasileiras. Precisamos reconhecer aqui que existe um genocídio das mulheres negras e os profissionais de saúde atuando como agentes do estado no Sistema Único de Saúde tem sido algozes nessas histórias. De acordo com a Organização Mundial de Saúde as mulheres negras têm 3 vezes mais chances de morrer devido a complicações decorrentes de abortos provocados. Esse numero se repete quando consideramos aquelas que são vitimadas por mortalidade materna. Esses números são coerentes com os achados de Leal e colaboradoras (2017) que apontam que as mulheres negras são rejeitadas quando procuram maternidades em trabalho de parto sendo incitadas ao que chamamos de peregrinação, e quando são admitidas nos serviços demoram mais tempo esperando por atendimento. Na mesma pesquisa as autoras identificaram que ainda são as mulheres negras as que mais tem direitos negados no momento do parto, como acompanhante e muitas vezes são submetidas a procedimentos sem analgesia, ou seja, são cortadas, mutiladas e impelidas parir sem nenhum tipo de alívio para dor. Os serviços de saúde reprodutiva se tornaram campos de eugenia onde mulheres negras foram compulsoriamente esterilizadas nos anos 80 (DAMASCO, MAIO, MONTEIRO, 2012) e onde seguem morrendo na atualidade. Serviços de saúde reprodutiva onde nós psicólogas nos inserimos muitas vezes sem ter

embasamento sobre direitos reprodutivos, sobre relações de gênero, sobre relações raciais. Essas violações no campo da Saúde Sexual e da Saúde Reprodutiva reverberam em sofrimento psíquico, em isolamento, mas que nós, como categoria, não temos abordado como um objeto de estudo e cuidado. Apesar de um contingente 88% feminino (LHULLIER, 2013) a Psicologia segue usando os conceitos pseudo universais de teóricos homens para falar de problemas universais como se eles problemas humanos não fossem atravessados por gênero e raça. Quantas produções da nossa área refletem sobre o sofrimento de mulheres submetidas a esterilizações compulsórias, violência obstétrica, violência ginecológica e violência em contexto de atendimento pós abortamento? Por que esses temas não nos interessam como fenômeno de estudo?

A imposição da dor como componente natural e tolerável às mulheres negras se alinha no *continuum* de compreensão de que somos menos humanas. ‘*As negras são mais fortes*’, ‘*as negras são boas parideiras*’. Esse tipo de afirmação racista, mas que ainda hoje escutamos em tom que asquerosamente se pretende engraçado representa como a construção correlações imagéticas desumanizadoras sobre as mulheres negras conseguiu sobreviver para além do período escravocrata e ainda hoje é operacionalizada como dispositivo de morte.

O que chamo de dispositivo de morte (CARNEIRO, 2005) aqui não se reduz apenas ao âmbito da morte carnal. Nos matam todos os dias. Simbolicamente, psicologicamente, cognitivamente, fisicamente. A produção de morte para as mulheres negras se inicia desde a negação de nossa intelectualidade, de nossa humanidade, de nossa voz. “*só corpos, sem mente*” eles repetem. E quando provamos o contrário, nos matam, como mataram Mariele Franco. Como mataram Luana Barbosa, como mataram Beatriz Nascimento, como mataram Euzébia dos Santos.

Quem só de Psicologia sabe, nem de Psicologia sabe e se nós psicólogas queremos combater o racismo, parafraseando Audre Lorde, não faremos isso usando as ferramentas dos mestres, dos cânones que construíram suas teorias pseudo - universais sem nunca ter considerado que nós éramos humanas.

O desafio para a psicologia no combate ao racismo que mata as mulheres negras não é simples. Porque numa sociedade que produz a nossa morte e o nosso adoecimento físico e psíquico, seja pelo estado que não reconhece seus próprios crimes, seja pelas disciplinas acadêmicas que nos objetifica recorrentemente, seja pela mídia que apaga e deslegitima,

seja pelo cotidiano que nos violenta diariamente, é preciso que nós psicólogas sejamos mais do que meras reprodutoras dos saberes consensuados no nosso campo. É preciso desobediência epistêmica dentro da Psicologia para produzir um saber psicológico que seja ativamente antirracista, é preciso romper com nosso constrangimento em politizar nosso conhecimento, é preciso lutar contra os discursos individualizantes, rasteiros e ínfimos sobre sofrimento mental produzido pelo racismo e pelo sexismo.

Vocês devem estar se perguntando: como isso é possível? A fim de concluir minha fala apresentarei 5 propostas que entendo como fundamentais para a produção de uma psicologia antirracista, feminista e descolonial e defendo que só incluindo esses aportes epistemológicos no cerne das nossas produções teóricas e práticas poderemos ser uma disciplina que produz saúde e não morte para as mulheres negras.

A primeira proposta se dirige a todas que estão hoje em exercício de docência, orientação e supervisão na Psicologia. Começo por esse espaço talvez porque seja onde eu estou atualmente e porque entendo que a academia é um espaço de luta e tensionamento e que não podemos nos furtar dessa disputa. Para as docentes, supervisoras, orientadoras e preceptoras minha proposta é: precisamos potencializar e impulsionar a formação de psicólogas negras. Isso é uma urgência. Espaços como esse que compartilhamos hoje só são possíveis devido ao fato de que hoje nós temos psicólogas negras na gestão de um conselho de psicologia numa capital no Sudeste. Isso não é pouca coisa, mas ainda precisamos de muito mais. A psicologia ainda é um campo majoritariamente branco (MAYORGA, 2013), elitista e que expurga aquelas que não são desses nichos sociais como pouco aptos ao conhecimento abstrato que esse saber nos convoca. Minha proposta é que matemos nossos racistas interiores e passemos a entender as estudantes negras como intelectuais em formação e não como sujeitos debilitados. Precisamos admitir que nenhum saber é neutro e que enquanto nosso campo for majoritariamente branco iremos seguir produzindo conhecimento apenas do lugar de fala dos brancos, que não é nem de longe neutro como se pretendia, mas que sim historicamente foi um lugar de fala de morte, negação e desumanização das mulheres negras. Antes que vocês me acusem de racismo reverso – pois são tempos absurdos a ponto que se repitam essas lendas- apresento minha segunda proposta, essa se dirige as psicólogas brancas.

As psicólogas e psicólogos brancos sugiro que repensem seu lugar de branquitude como produtor não só de violência contras as pessoas negras, mas como produtor de privilégios em sua própria trajetória. Esse privilegio que facilmente é requisitado quando uma pessoa

negra lhe diz que você foi racista ou violento, esse privilégio que facilmente te faz reduzir ou desconsiderar queixas sobre seu comportamento abusivo e responsabilizar as pessoas negras pelo constrangimento que o seu privilégio produziu. Na cena do racismo não só são as pessoas negras que estão presentes, as pessoas brancas estão lá, então é preciso desvelar os efeitos do racismo na constituição das pessoas brancas, como essas reivindicam seus lugares de conforto e privilégio com a destituição da humanidade das pessoas negras. O desafio para uma psicologia antirracista passa pela admissão que a fragilidade da braquitude, assim como a fase narcísica na criança, precisa ser superada.

A terceira proposta, ainda nessa direção, se dá pelo apelo de que precisamos superar o vício da nossa classe de reduzir os fenômenos psíquicos ao âmbito dos problemas e diferenças individuais. Se na sua prática – seja ela como servidora pública ou como clínica – você interpreta queixas de racismo e sexismo como um aspecto que a sua cliente produz por questões de fórum privado, sua prática reproduz o conteúdo racista e sexista de deslegitimação dessas vozes e falha eticamente por desconsiderar o contexto onde o sofrimento mental é produzido. Parafraseio Belchior quando este diz: *‘a minha alucinação é suportar o dia-a dia e o meu delírio é experiência com coisas reais’*, assim é o racismo para as pessoas negras, assim é o sexismo para as mulheres. Não existe um só dia onde essas estruturas sociais não marquem as experiências dessas pessoas e mesmo assim ainda é possível que você reduza tudo isso a um sintoma individual. Exemplifico: uma mulher negra que relata que não consegue ir a uma entrevista de emprego porque tem certeza que não será admitida ou ainda que relata se sentir incomodada com os olhares que a perseguem nesses espaços não deve ser lida rasteiramente como uma neurótica grave ou como uma paranoica. Essa mulher está te relatando o sofrimento mental que o racismo produz, negar que esse sofrimento tem base nas relações sociais é patologizar a produção que essa mulher dá conta de fazer para se proteger desse tipo de situação. Evitar ir a entrevista de emprego é evitar viver mais uma cena de racismo, negar-se a ler isso e centralizar no indivíduo os dilemas que a sociedade lhe impõe é esquecer que sujeito e sociedade não são água e óleo, pelo contrário, são fogo e gasolina.

A quarta proposta é um convite a que derrubemos nossas fronteiras disciplinares, tão arbitrariamente construídas e tão religiosamente adoradas. Vamos parar de acreditar na falaciosa ideia de que todas as respostas sobre tudo que tange ao humano está na Psicologia. Você pode estar adorando ou odiando tudo que eu disse até aqui, mas meu convite é que você realmente se aproprie do conhecimento que intelectuais negras e

descoloniais produziram e que então entenda como a Psicologia está sedenta de outras fontes. Minha fala se constrói a partir dos aportes teóricos² de Lélia Gonzales, Sueli Carneiro, Maria Lugones, Patrícia Hill Collins, Walter Dignolo, Ochy Curiel, Angela Davis, Bell Hooks. Produzir novas chaves de leitura para os fenômenos psicológicos é produzir novos instrumentos de intervenção e de produção de saúde e esse desafio, nós da psicologia não podemos nos privar de encarar. Não é coincidência que a maioria de nós não leu Lélia Gonzales, Virginia Bicudo ou Neusa Santos na nossa graduação, pelo contrário, isso se dá devido ao epistemicídio que se impõe a essas intelectuais negras por serem elas negras rompendo com o pacto do silêncio da nossa falaciosa democracia racial. Precisamos recorrer a elas, devorar suas obras antropofagicamente porque estamos famintas por chaves de leitura antirracistas e precisamos o quanto antes admitir essa fome antes que ela nos destrua internamente.

Por fim minha última proposta é um desafio pessoal a cada pessoa aqui presente. A epistemologia feminista nos indica que a reflexividade é o caminho para a compreensão e transformação dos nossos lugares no mundo. Proponho que cada uma de nós adotemos a reflexividade como um hábito de construção da psicóloga antirracista que queremos/podemos ser. Que nesse hábito nos façamos três perguntas: por que é tão difícil escutar, legitimar e reconhecer as mulheres negras como sujeitos humanos e capazes de intelectualidade? Ao constatar a reprodução de uma prática racista e sexista nunca deslegitime a denúncia, mas questione: como eu poderia fazer diferente? E por fim qual meu compromisso como profissional de saúde, como produtora de conhecimento: ratificar as desigualdades e violências que matam e adoecem mulheres negras ou reconhecer essas violências e apoiar a luta delas para transformar essa realidade?

Não há espaço para silêncios e omissões. Recusar-se a ter um posicionamento é se posicionar pela manutenção dessas estruturas que nos matam e nos adoecem todos dias. Nesse sentido uma psicologia que se pretenda atuante no combate ao racismo precisa desvelar em si como o racismo tem sido operacionalizado, em si Psicologia e em si em cada uma de nós psicólogas.

Para fechar minha fala, gostaria de citar uma obra da poetisa negra Cristiane Sobral

² Para a versão impressa algumas sugestões dessas intelectuais foram incluídas no final do texto.

Exércit (chusma) de rosas negras

“Há uma solidão destinada à mulher negra
Aquele que não aceita ser a mais gostosa do pedaço
Nem interpreta o estereótipo do palhaço
Aquele cujo corpo a mulata não encena
Há uma solidão profunda destinada à mulher negra
Um desdém absurdo, mudo, cheio de rótulos
Destinado àquela que não sorri por qualquer motivo
Que sempre recusou o convite do executivo comprometido
Para um inocente jantar
Há uma solidão homicida destinada às mulheres negras
Àquelas altivas, com orgulho da sua cor
Que não alisam seus cabelos em busca de aceitação
Deixando sempre a porta aberta para o sinhô e a sinhá
Há uma solidão destinada às mulheres negras
Nos leitos dos hospitais públicos
Campos de concentração
Dos grupos de extermínio a serviço do capital
Em benefício do genocídio étnico
De um Estado na ativa com sua política de embranquecimento
Há uma solidão inexplicável no coração das mulheres negras
Mas ainda assim
Em nossa solitude
Realizaremos nossos sonhos
Continuaremos a parir nossos filhos
Aumentaremos nossas forças
E formaremos o nosso próprio exército de salvação.”
Meu convite é que as psicólogas se juntem ao nosso exército por uma sociedade antirracista, antipatriarcal, anti lesbotranshomofóbica, exército esse que já existe em luta cotidiana, com mulheres negras que resistem em todos os espaços dessa sociedade. Meu convite é que a Psicologia se junte a esse exército e que lutemos até que todas nós possamos compartilhar desse privilegiado status de humanas. Obrigada.

Paula Rita Bacellar Gonzaga é Psicóloga formada pela Universidade Federal da Bahia, mestra em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPGNEIM – UFBA, atualmente está cursando doutorado em Psicologia Social na Universidade Federal de Minas Gerais onde também é vinculada ao Núcleo de Ensino Pesquisa e Extensão – Conexões de Saberes e leciona como Professora Assistente da Universidade Federal do Sul da Bahia.

Referências

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Feusp, 2005. (Tese de doutorado)

CARNEIRO, Sueli. Gênero e Raça. In: Gênero, Democracia e Sociedade Brasileira. Orgs: Bruschini, Cristina e Unbehaun, Sandra. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2002.

COLLINS, Patricia HILL. Pensamento Feminista negro e Matriz de Dominação Pensamento Feminista negro In. Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment. (Boston: Unwin Hyman, 1990), pp. 221– 238. Trad. Gilmará Lisboa. Disponível em: < <http://www.hartford-hwp.com/archives/45a/252.html/252.html> >.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Soc. estado., Brasília , v. 31, n. 1, p. 99-127, Apr. 2016 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100099&lng=en&nrm=iso>.

CURIEL, Ochy. Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde America Latina y el Caribe. Biblioteca Digital Feminista, 2009. Disponível em: <http://feministas.org/IMG/pdf/Ochy_Curiel.pdf>.

DAMASCO, Mariana Santos; MAIO, Marcos Chor; MONTEIRO, Simone. Feminismo negro: raça, identidade e saúde reprodutiva no Brasil (1975-1993). Rev. Estud. Fem., Florianópolis , v. 20, n. 1, p. 133-151, Apr. 2012 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000100008&lng=en&nrm=iso>.

DAVIS, Angela. Mulheres, Raça e Classe. Tradução Heci Regina Candiani. 1-ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

GARCÍA, Emma Delfina Chirix. Subjetividad y racismo: la mirada de las/los otros y sus efectos. In: Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala. Orgs: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa; CORREAL, Diana Gómez; MUÑOZ, Karina Ochoa. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014. P.211- 222.

GONZALES, Lélia. “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira”. Ciências Sociais Hoje 2 (1984): 277-292.

HOOKS, Bell. Intelectuais negras. Estudos Feministas, Vol. 3, No.2, 1995,p. 465-477.

Hooks, bell; Brah, Avtar; Sandoval, Chela; Anzaldúa, Gloria. *Otras Inapropiables: feminismos desde las fronteras*. Madrid: Traficantes de Sueños, 2004.

LEAL, Maria do Carmo, GAMA, Silvana Granado Nogueira da; PEREIRA, Ana Paula Esteves; PACHECO, Vanessa Eufrauzino, CARMO, Cleber Nascimento do, & Santos, Ricardo Ventura. (2017). A cor da dor: iniquidades raciais na atenção pré-natal e ao parto no Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 33(Supl. 1), e00078816. Epub July 24, 2017. <https://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00078816>

LHULLIER, Louise A. (org.) *Quem é a Psicóloga brasileira? Mulher, Psicologia e Trabalho / Conselho Federal de Psicologia*. - Brasília: CFP, 2013. 157p ISBN: 978-85-89208-61-1

LORDE, Audre. *Sister outsider*. Freedom, CA: The Crossing Press, 1984.

MAYORGA, Claudia. Sobre mulheres, psicologia, profissão e a insistente ausência das questões raciais. In: Conselho Federal de Psicologia *PSICOLOGIA: UMA PROFISSÃO DE MUITAS E DIFERENTES MULHERES / Conselho Federal de Psicologia*. - Brasília: CFP, 2013, p. 173-200

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n.34, p.287-324, 2008

MIGNOLO, Walter; JIMENEZ-Lucena, Isabel; LUGONES, María; TLOSTANOVA, Madina *Gênero y Descolonialidad*. Buenos Aires. Del signo, 2014, 94 p.

SANTOS, Helena Miranda; ALMEIDA, Alessandra. As Mulheres e a Autonomia sobre seus corpos: Discussões acerca do Aborto e dos Direitos Reprodutivos. In: *Gênero na Psicologia: Articulações e Discussões*. Org. Darlane Silva Vieira Andrade e Helena Miranda dos Santos. Salvador: CRP-03, 2013.

WERNECK, Jurema. “O belo ou o puro? Racismo, eugenia e novas (bio)tec-nologias.” In *Sob o Signo das Bios*. Vozes Críticas da Sociedade Civil, editado por Alejandra Ana Rotania, e Jurema Werneck, 49-62. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2004. Disponível em: http://criola.org.br/artigos/artigo_ou_o_belo_ou_o_puro.pdf >.